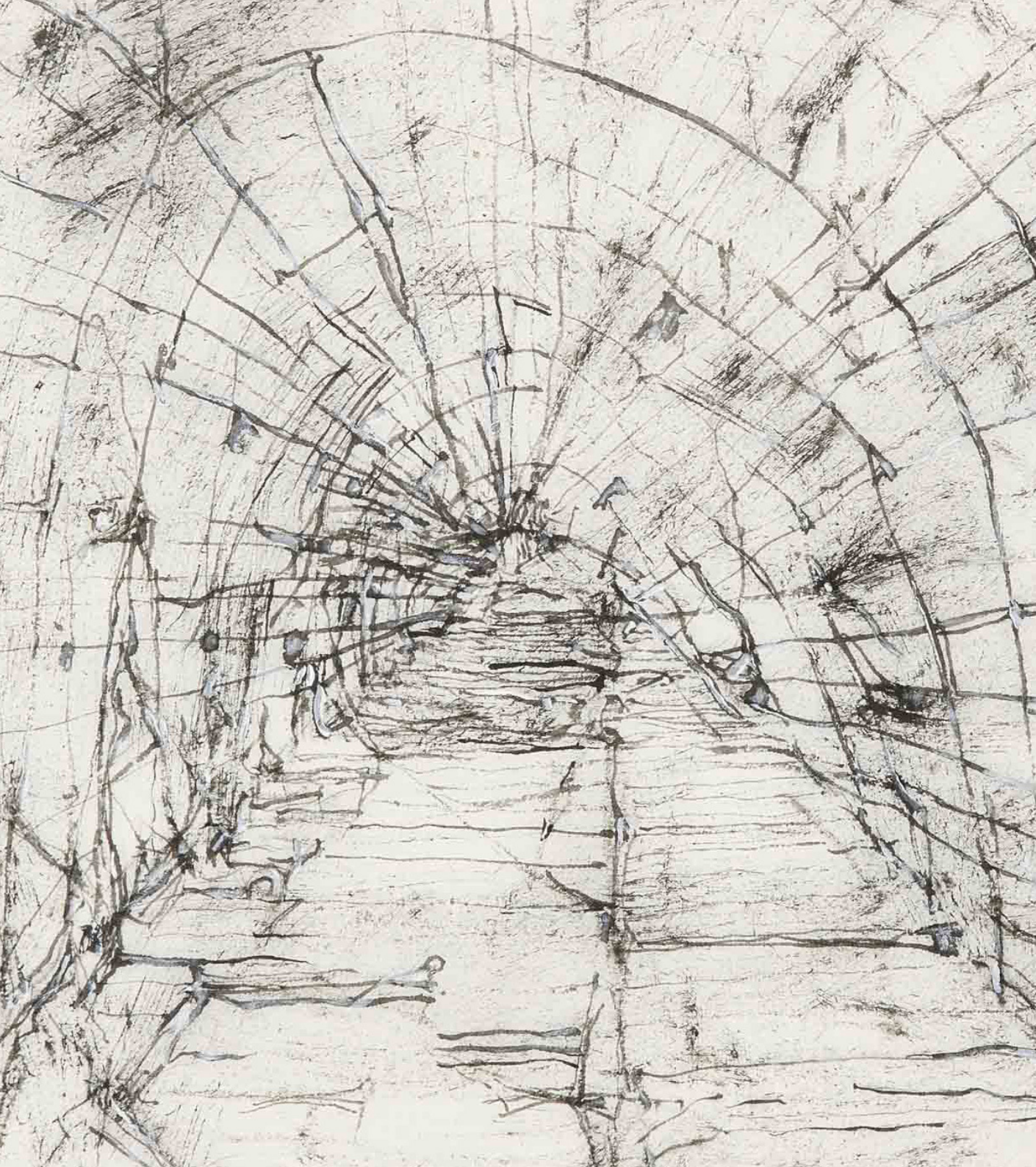




*VI Jornada do
Grupo de Estudos
de Poesia
Portuguesa
Moderna e
Contemporânea*

comunicações
sobre Luís Miguel
Nava e Ruy Cinatti

11 e 12 de junho
2015



*Devemos, ao falar, ter o máximo cuidado
com as palavras que empregamos, pois,
sendo algumas delas vulneráveis às raízes,
arriscamo-nos a ver apoderar-se-nos da
fala uma vegetação que talvez chegue
mesmo a destruir-nos. A fala quer-se árida,
de uma aridez idêntica à da roupa que nos
cobre o corpo ou à do céu, de que me esforço,
sempre que dele falo, por deixar à mostra
um dos agrafos mais profundos.*

Luís Miguel Nava

O céu sob as entranhas

=

Com a poesia diz-se sim a tudo.

*Palavra-língua
que desobriga: urgente
alma experimentada.*

*A poesia faz-se com palavras
de língua viva – digo,
seja! – palavras
quentes.*

*Ai dos que mastigam só palavras
sem estarem presentes!*

Ruy Cinatti

Archeologia ad usum animae

Data 11/06/2015

Horário 14:30 às 16:00

Local CAD 2 - B504

Mesa 1 A poesia de Luís Miguel Nava em perspectiva

Coordenação Wagner Moreira (Cefet-MG)

O poema – no seu lugar pôr uma paisagem: as películas de Luís Miguel Nava

Marina Baltazar Mattos (FaLe/UFMG)

O presente trabalho tem como ponto central a leitura da poesia de Luís Miguel Nava como uma fita cinematográfica, em que as paisagens – às vezes repetidas, às vezes recriadas, mas sempre presentes – se sobrepõem umas às outras como películas. Para tanto, estabelece-se um diálogo com a poesia do também português Herberto Helder, que acaba servindo como um “guião” para essa visão do poema como paisagem dinâmica.

O poema em prosa: Conceitos clássicos de poesia e a obra de Luís Miguel Nava

Filipe de Freitas Gonçalves (FaLe/UFMG)

A presente comunicação tenta articular conceitos de poética clássica (tirados de Aristóteles e Novalis) com a poética de Luís Miguel Nava, tentando problematizar a questão formal mais importante na poesia de Nava: o poema em prosa. Tentando reelaborar o conceito clássico de *mimese*, pretendemos superar a caracterização da poesia como texto escrito em versos, e partir para uma definição mais abrangente. Depois, analisamos um poema de Nava como metonímia para o restante de sua obra, tentando compreender como os conceitos trabalhados estariam ali articulados, tanto na forma da representação do que chamamos de *mimese*, quanto na prática poética da *mimese*.

Em seus poemas, Luís Miguel Nava nos apresenta um estranho mundo novo permeado pela violência e pela inadequação, no qual as palavras conseguem, através de aflitivos e tortuosos caminhos construir uma língua própria, repleta de particulares significados. É nesse contexto que surge a imagem do corpo, um corpo várias vezes disforme e horrendo, ligado a torturantes imagens de violência e dilaceramento que o levam à perda de identidade enquanto organismo, passando a ser visto como o que é primeiramente: sangue, ossos e carne. Esse trabalho busca entender as imagens criadas pelo autor ao longo de sua obra, tendo como apoio as teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a esquizofrenia e, mais importante, as noções que desenvolvem sobre “o corpo sem órgãos”.

Nesta comunicação, proporei uma discussão em torno de alguns poemas do livro *Vulcão* (1994), última coletânea publicada em vida por Luís Miguel Nava. Trata-se de buscar, em tais poemas, referências acerca da experiência corporal enquanto fonte e condição da expressão poética. Nessa perspectiva, persigo os sentidos potencializados, na referida obra, pela palavra “carne”, a qual, dentre outras coisas, dá uma conotação material ao ato de concepção poética, em detrimento de toda uma tradição lírica de cunho espiritualista. Tendo por base o pensamento filosófico de Maurice Merleau-Ponty, procuro investigar, ainda, a noção de poema como gesto corporal nos textos em análise.

Luís Miguel Nava: uma visão sobre o corpo

Maria Clara Menezes (FaLe/UFMG)

“a carne, com seu quê de lírico e festivo”: expressão poética e experiência corporal em Vulcão, de Luís Miguel Nava

Patrícia Chanely Silva Ricarte - UFSC

Data 11/06/2015

Horário 16:30 às 18:00

Local CAD 2 - B504

Mesa 2 Corpo, linguagem, poesia em Luís Miguel Nava

Coordenação Viviane Cunha (UFMG)

*A coloração
crepuscular no corpo
(do texto): pinturas
de um ocaso na
poética de Luís
Miguel Nava*

Raquel Emanuelle
das Dores (Fale/
UFMG)

O gênero lírico moderno “poema em prosa” se relaciona intimamente com o pictórico desde o seu surgimento. Partindo de tal relação medular com as artes plásticas, observase como a construção poética do escritor português Luís Miguel Nava – desenvolvida amplamente através de poemas em prosa – articulase a partir de características, procedimentos e posturas estéticas da vanguarda expressionista. Tal abordagem perpassa a obra poética do autor como um todo e, especialmente, o seu último livro *Vulcão*, que contém o poema em prosa “O Grito”, alvo de especial observação neste trabalho por conta de suas referências explícitas à obra homônima, do pintor norueguês Edvard Munch, arquétipo do expressionismo.

O poeta português Luís Miguel Nava oferece em sua obra uma série de imagens, metáforas e recursos poéticos reminiscentes de diversos escritores, poetas e prosadores com influência de paradigmas, filosofia e crenças gnósticas. A comunicação tenta estabelecer, através da comparação de excertos e investigação de intertextualidade, de par com a perquirição de suas respectivas biografias, de que modo essa influência e suas formas de expressão teriam sido incorporadas ao trabalho dos artistas em estudo, buscando identificar pontos comuns nas trajetórias de vida e convergências estéticas entre eles. O trabalho busca, outrossim, oferecer uma breve explanação sobre o conceito de gnosticismo e por que essa variante herética de diversos credos do Ocidente teria exercido um influxo tão pervasivo mas, simultaneamente, subliminar no labor poético de escritores que vão desde William Blake e Herman Melville até os contemporâneos de Nava, assim como o inglês Clive Barker, romancista notório por suas narrativas fantásticas de verve mitopoético-gnóstica.

Nesta comunicação buscaremos apresentar uma nova percepção da poesia de Luís Miguel Nava, mais especificamente do poema “Os comedores de espaço”, nos fundamentando na Teoria da desconstrução do filósofo Jacques Derrida. Acreditamos, e procuramos comprovar ao longo do texto, que a ótica desconstrutivista colabora para uma produtiva leitura do objeto literário.

*Luís Miguel Nava:
Gnosticismo e a
estética do limiar*

Paulo Eduardo Lages
- GEPPMC

*A lógica da
desconstrução no
poema “Os comedores
de espaço”, de Luís
Miguel Nava*

Debora Maria Alves
Brandão (Fale/UFMG)

*Luís Miguel Nava:
escrita, corpo e
linguagem*

Sara Meynard Beg-
name (Fale/UFMG)

Pretende-se abordar como a poética de Luís Miguel Nava constrói-se sobre um trabalho de deslocamento de linguagem, visando à aproximação de sua poesia ao conceito de “texto de gozo” de Roland Barthes. Dessa forma, a intenção é analisar como o poeta opera em uma zona limítrofe da linguagem, lugar em que se depara com a impossibilidade de uma escrita fundamentada em uma ideia tranquilizadora de representação. A partir da abordagem dos procedimentos utilizados pelo poeta e fazendo uso, fundamentalmente, das reflexões de Barthes, pretende-se defender como Nava encontra um lugar de valor dentro do panorama poético português do final do século XX.

*A memória e as
cicatrices na poesia de
Luís Miguel Nava*

Luísa de Paula
Brandão (Fale/UFMG)

Luís Miguel Nava faz poesia de uma maneira intensa. Este trabalho pretende relacionar as recorrentes imagens, nesse livro, da memória e das cicatrizes, que estariam diretamente relacionadas ao fazer poético. Nava é um poeta cuja poesia arrebatava o leitor por sua força e violência. É uma poesia que tem como característica a presença de vísceras, do corpo, além da memória, que se apresenta como material utilizado para a produção poética. Naquele limiar onde é difícil separar o que são lembranças e o que é ficção, essa matéria põe em ação a roldana do coração, que será identificado como o rei da criação. Essa memória tão presente nesta poesia, muitas vezes obscura e dolorosa, transforma-se em cicatrizes.

Data 12/06/2015

Horário 9:30 às 11:00

Local 3017 – FALE

Mesa 1 Faces da poética de Ruy Cinatti

Coordenação Roberto Bezerra de Menezes (Fale/UFMG)

Proponho-me a analisar “Mon coeur mis a nu”, poema do livro *Manhã Imensa*, de Ruy Cinatti, com enfoque nos textos que aparecem em seu entorno e nas demais referências diretas a autores, poemas e obras que são citados ao longo do poema. De modo mais específico, o objetivo da comunicação é relacionar e discutir as referências do *journal intime* de Baudelaire (logo no título do poema) e da peça *El Gran Teatro del Mundo* do espanhol Pedro Calderón de la Barca (epígrafe do livro) com a ideia da máscara lançada nos textos que entremeiam o poema de Cinatti. A máscara é a indumentária colocada na face do poema no momento em que o poeta inicia, para o leitor, uma meditação sobre seus significados: “Para que possas compreender o poema para além de sua assimilação imediata, precedê-lo-ei de uma espécie de sumário ou memória descritiva, como se usava antigamente à frente de cada capítulo”. Embora essa memória descritiva se proponha inicialmente a auxiliar o leitor na compreensão do poema, essa possibilidade é desfeita ao fim do texto, após o poema: “No fundo, são tudo máscaras: o poema e a memória descritiva. Quem quiser que escolha a sua, ou nenhuma”. Esses comentários metalinguísticos e suas relações com o poema são o que pretendo abordar nesse trabalho.

*No fundo são tudo
máscaras: análise
dos textos de “Mon
Coeur Mis a Nu”,
de Ruy Cinatti*

Isabella Batista de
Souza (Fale/UFMG)

Apesar de ter sido organizado em vida pelo autor, *Arqueologia ad usum animae* (2000) é o último dos livros póstumos de Ruy Cinatti. O livro é considerado o que reúne o maior número de poemas, ainda que, em geral, eles sejam curtos. Procura-se, aqui, pensar duas das tendências do livro: o poeta insular, que encena a solidão e o isolamento, e o poeta da partilha, que não hesita em reafirmar a necessidade de uma comunidade poética e humana. Para isso, retoma-se a postura de Cinatti de proximidade da tradição por ele eleita. O movimento, já encenado por T. S. Elliot em “Tradição e talento individual”, pode ser a tônica que gera a oscilação entre o insulamento/nomadismo e a partilha. Entre os poemas considerados para se pensar tal movimento, destacam-se: “Didáctica”, “Masoquismo”,

*Archeologia ad
usum animae:
Ruy Cinatti entre
o insulamento e a
partilha*

Roberto Bezerra
de Menezes (Fale/
UFMG)

O presente trabalho pretende explicitar a condição de nômada (nômade) do poeta português Ruy Cinatti que elaborava e atualizava sua poética à medida em que avançava (e se dedicava) a cada nova viagem, a conhecer os ambientes e os nativos, a participar de suas vidas e vicissitudes. A poética de Cinatti está além da forma, mais além nas referências, que exigem uma leitura de contexto (época, ambiente, povos, culturas) nos campos da história, política, ciências naturais e antropologia. Uma poética tecida de biografia, tensionada entre o muito íntimo, e confessional, e o mais coletivo, o testemunho, a denúncia social.

*A poética nômade de
Ruy Cinatti*

Leonardo Magalhães
(Fale/UFMG)

Ao levarmos em consideração que a botânica é temática frequente na obra poética de Ruy Cinatti, a proposta de comunicação é investigar a maneira como as plantas aparecem em três poemas retirados de livros que abarcam diferentes propostas poéticas. No primeiro, “Origem”, de *Archeologia ad usum animae* percebemos que as plantas estão ligadas ao sentido de busca, enquanto em “Acácia rubra”, de Paisagens timorenses com vultos, nota-se a tentativa de explorar as cores, aroma e som da árvore que dá título ao texto poético, e, por fim, em “Receita de herbanário”, de Tempo da cidade, as ervas aparecem associadas ao fator de cura. Com isso, a partir dessas diferentes abordagens, buscaremos discutir a maneira como o tema aparece na poesia de Cinatti.

*Horticultura-poesia:
A botânica em
três poemas de
Ruy Cinatti*

Patrícia Resende
Pereira (Fale/UFMG)

Data 12/06/2015

Horário 14:30 às 16:00

Local CAD 2 - 404

Mesa 2 Faces da poética de Ruy Cinatti II

Coordenação Duarte Drummond Braga (USP)

A presente comunicação pretende dar conta da centralidade da inscrição antropológica na poesia cinattiana, isto é, entender o seu interesse em notar e registrar o outro, sobretudo na medida em que esta poesia é um lugar de negociação da alteridade. Cinatti relativiza e questiona as poéticas do “exótico”, do “selvagem” ou do “primitivo”, fazendo-o no entanto a partir da poesia moderna enquanto lugar estético que implica a dimensão crítica, e não como mero campo passivo para plasmar questões culturais e sócio-históricas que lhe seriam exteriores ou estranhas. A questão antropológica é, assim, central para a entender essa poesia enquanto objeto estético.

*Registro e deslocamento:
Cinatti e a revisão do “selvagem” na poesia (de língua) portuguesa*

Duarte Drummond
Braga (USP/FAPESP)

Segundo livro inédito publicado após a morte de seu autor, *Tempo da cidade* compõe-se, curiosamente, por três conjuntos de poemas: “Casa”, “Rua” e “Horizonte”. Há nisso, talvez, a intenção de explorar algo da vista citadina partindo de uma *micro paisagem* para chegar a uma *macro paisagem*. É objetivo deste trabalho delinear a figuração do poeta que sobre esse espaço escreve; mais especificamente, no que diz respeito ao seu comportamento no ambiente caseiro, para que, a partir daí, seja possível exercer uma leitura mais crítica dos textos logo a seguir de “Casa”. Os versos inaugurais do livro, “Quem me faz descer desta mansarda já,/onde me icei?“, nos provoca imediatamente: será Ruy Cinatti o da mansarda?

A comunicação pretende refletir sobre a principal, ou melhor, as principais funções da poesia de Ruy Cinatti, tomando como base e fonte de análise as obras em que o autor se direciona ao povo, ao lugar e ao contexto timorense.

Partindo do princípio de que *Archeologia ad usum animae* se propõe, ironicamente, como um guia para a busca de uma poética própria, este ensaio pretende mostrar como Ruy Cinatti recusa quaisquer padrões estéticos pré-estabelecidos para buscar o seu próprio. O poeta preza por um estilo oblíquo, caracterizado, principalmente, por uma notável irregularidade métrica e rítmica, por uma descontinuidade coesiva, pelo uso de imagens incomuns para a linguagem poética e, por fim, pela maneira como usa a ironia, que já aparece no título do livro.

*Sempre, o da mansarda:
figurações do poeta em “Tempo da Cidade”, de Ruy Cinatti*

Moisés Paim Fonseca
(Fale/UFMG)

O poeta e a poesia em Ruy Cinatti

Kely Stefani de
Oliveira (Fale/UFMG)

A busca pelo oblíquo no projeto poético de Ruy Cinatti em Archeologia ad usum animae

Tiago Cabral Vieira
de Carvalho (Fale/UFMG)

Data 12/06/2015

Horário 16:15 às 18:00

Local CAD 2 - 404

Mesa 3 Faces da poética de Ruy Cinatti III

Coordenação João Santiago (Cefet-MG)

Este trabalho se propõe analisar o livro *Archeologia ad usum animae* (Arqueologia para uso da alma), de Ruy Cinatti, sob o viés da questão identitária. Intenciona-se mostrar, por meio dos poemas, como o sujeito se desdobra sobre si mesmo, e, simultaneamente, se debruça sobre “o mundo dos outros” na tentativa de se sentir inteiro. Os versos cantados pelo poeta português atravessam temas que perpassam filosofias como a origem da civilização humana e a impossibilidade do sujeito mostrar-se, ou até mesmo habitar-se de forma una. Pretende-se esboçar, de certa forma, um mapa da incapacidade humana de levar uma vida sem se relacionar com o outro.

A obra de Ruy Cinatti parece ter a religiosidade, a tradição católica, como norte; no entanto, sempre envolta por uma postura crítica, satírica e em muitos momentos irônica. Ressaltaremos essa perspectiva religiosa, buscando demonstrar que os alicerces sagrados estão a todo tempo sendo questionados e criticados pela voz poética. Dado o exposto, selecionamos o livro *Sete septetos* para evidenciar a relação ambígua entre os poemas e a religiosidade. Nosso objetivo, além de confrontar essa relação, será também inventariar alguns poemas com a teoria dos dois mundos desenvolvida por Platão e contextualizada para a realidade da poética de Cinatti.

*Uma leitura de
Archeologia ad
usum animae, de
Ruy Cinatti*

Anna Célia Alves de
Souza (Fale/UFMG)

*Ruy Cinatti: a
teoria dos dois
mundos em Sete
septetos*

Debora Silveira
Estanislau Vieira
(Fale/UFMG)

Ruy Cinatti é conhecido pelas constantes referências bíblicas presentes em sua obra poética. O objetivo deste trabalho é analisar criticamente tais referências bíblicas em *Sete Septetos*, livro de 1967, a fim de questionar a pecha de “poeta católico” a ele atribuída.

Na mitologia grega, os elementos da natureza assumem papel importante para a cosmogonia (explicação do surgimento do mundo) e para o entendimento de fatos da vida. A água, sejam os cursos de água ou os mares e oceanos, é representada como entidade, ser de extrema importância para o ciclo da vida. Em várias narrativas gregas, a simbologia da água como criadora da vida é recorrente. Tal simbologia também é perceptível em poemas de Ruy Cinatti, poeta português que tem forte relacionamento com o mar. Nosso objetivo, nesta comunicação, é analisar a presença da água e do mar, elementos recorrentes na poética do autor de *Sequências Timorenses*.

Os ecos e os ruídos, a enumeração dos rastros e as imagens de instabilidade são presença forte na escrita de Ruy Cinatti. Nas listas dessa poesia o leitor se depara com um desafio. Esse poeta português parece querer fixar-se no múltiplo, e tentar sobreviver ao caos da diversidade. Querendo erguer um pequeno universo, de *harmonia particular*, a escrita do poeta nos remete ao epílogo de Borges, em *O fazedor*. Tal é nossa proposta de trabalho.

*Sete Septetos: análise
de algumas imagens
bíblicas*

Clara Anunciação de
Vasconcelos (Fale/
UFMG)

*A simbologia da
água presente na
poesia de Ruy
Cinatti*

Lucas Willian
Oliveira Marciano
(Fale/UFMG)

*O rol das coisas
em Archeologia ad
usum animae, de
Ruy Cinatti*

Vítor de Carvalho
Teixeira (Fale/UFMG)

Título

*Jornada do Grupo de Estudos em Poesia
Portuguesa Moderna e Contemporânea*

Realização

*Grupo de Estudos em Poesia Portuguesa
Moderna e Contemporânea (GEPPMC)*

Apoio

*CESP (Centro de Estudos Portugueses),
Faculdade de Letras da UFMG, CEFET/MG.*

Organização

*Silvana Maria Pessôa de Oliveira,
Patrícia Resende, Isabella Batista de Souza
e Roberto Bezerra de Menezes*

Imagens

Maria Helena Vieira da Silva

Projeto Gráfico

Flávia Giordani

Contato

estudospoesiaportuguesa.blogspot.com.br



